O Latim multiprestante e ubíquo
Filológicas II

Paulo Silva de Araújo (ABF)

Redigi parte do artigo abaixo para louvar as cultas declarações que, a respeito da volta do Latim ao Ensino Médio, prestaram dois companheiros filólogos ao caderno "Educação" da "Folha Dirigida", publicada para 5 até 11 de julho de 2003. O título foi: *Necessária a Volta do Latim?* Os mui elegantes filólogos: Rosalvo do Valle e Amós Coelho da Silva.

Trago a matéria para aqui por motivos óbvios. Muito ampliada, todavia. Ademais, livre de três gravíssimos erros, fora outros menores, que o impressor e quem a reviu lhe imputaram: para a fonte *comite* (de *comes*), *comitê*; para *in dubio*, *in dúbio*; para línguas *românicas*, línguas *românticas*. E além de para Latim, *Lati*! Contrariou isso o acolhimento nobre que me deu e à colaboração da minha lavra o Diretor de Promoções e Relações Externas, Afonso Faria.

Nascida a primorosa Língua Portuguesa do Latim, conhecê-lo impõe-se aos brasileiros. Inquestionável: o *quantum* reservado a cada fito haverá de ser muito bem avaliado e distribuído.

Quem sabe Latim e Vocalismo diacrônico português, pronuncia firme e escorreitamente: *sevo* (é), *mesto* (é), *efebo* (ê); *dolo* (ó), *tropo* (ó), *crosta* (ô), pois decorrem de *saevu*, *maestu*, *ephebu*; *dolu*, *tropu*, *crusta*. Na penúltima sílaba, apenas *dolu* e *tropu* receberiam o sinal de *braquia*; os restantes, de *mácron*. Dirá *filólogo*, *teólogo*, *epílogo*, com penúltima, evidente, átona, porque vieram de *philologus*, *theologus*, *epilogus*, com penúltima breve, então com *braquia*, e portanto soando os vocábulos à proparoxítona. Se *epilogus* fora dição grave, daria ao vernáculo *epilogo* (lô) e, *mutatis mutandis*, *filologo* (lô), *teologo* (lô).

O cultivado na latinidade fica a externar que *rasura*, *fuso* e *paradisíaco* se escrevem com s, e não com z; *batizar*, *coriza* (defluxo), *evangelizar*, com z, e não s; *grassar*, *assecla* e *dissídio* se grafam com ss, e não com c; *piscina*, *suscitar*, *lascivo*, com sc, e não com c ou com ss. Sem dúvida, essas formas têm abono tanto do Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras, como do dicionário do Aurélio, do filólogo José de Sá Nunes ou de um gramático famoso.

Para os instruídos na língua romana, portanto, tais vocábulos são tidos por certos visto fluem dela respectivamente: *rasura*, *fusu* e *paradisiacu*; *baptizare*, *coryza* e *evangelizare*; *grassare*, *assecla* e *dissidiu*; *piscina*, *suscitare* e *lascivu*.

Neste passo, então, a Lingüística Diacrônica tem lugar, privilegiado, com a meta de esclarecer a evolução de *sensu* para *siso*; *comite* para *conde*; *polypu*

até *polvo*.

Extinto o discipulado, como se vê, benéfico, do Latim no Curso Médio, forçosamente se decepa o estudo da *Diacrônica*. Arranca-se-lhe o núcleo.

O Latim cristalizou-se. Inalterável, pois, se conservará para sempre. Podem, dessarte, os idiomas-filhos alterar-se e em qualquer grau. Terão nessa língua dos sábios, ao perpétuo, a origem via de regra suficiente, para onde se voltem com a mira de retirar conseqüências novas, diretrizes ou desfazer vacilações e erros.

Caso arrebatássemos um para estudar Latim, por lhe havermos patenteado os fartos proveitos, e de modo igual lho fizéssemos, à uma, no alusivo ao maravilhoso Grego Clássico, elucidando o orientado inclusive quanto à afinidade lingüística, ao contributo helênico para o romanismo glótico e à construção sistemática gramatical, infalível seria que também desejasse aprender Atenas a par de Roma.

Contribui firme o idioma do Lácio a desenvolver a inteligência do discípulo. Aviva neste o espírito de observação e análise, aguça-lhe o poder de lógica, mais cada vez.

A imperiosa atenção e a diligência do aluno para senhorear-se do encerrado no texto, esperta-lhe e disciplina a vontade.

O aprendizado da língua romana, que possui riqueza flexional enorme, cópia semântica e sintática admirável, afia com rigor a memória, robustecendo-a de maneira excepcional, sobre pôr no afeto o prazer de ordenar e traduzir. Incute no discente o hábito de esforçar o raciocínio para descobrir o certo no difícil.

Facilita-se grandemente o estudo das línguas românicas sabendo-se Latim, porquanto esses idiomas dele procedem e herdaram abundante na fonologia, morfologia, na sintaxe regular e na figurada. Tal exuberância desses fatos receberam, que até lhes chamam novilatinas ou continuação do Latim.

Na Filosofia, demanda-se a linguagem da Roma Imperial, como lastro das fundas meditações do áureo passado. Ai do aspirante à universidade no ramo filosófico se não houver cursado Latim!

Não porque todos iriam ser filósofos; haverá, entretanto, inúmeros dentre os 175 milhões de brasileiros que, ou de fato aspiram a sê-lo, ou, no mínimo, a tornar-se mestres de apreciada reputação na luxuosa ciência das causas supremas de tudo, descobertas pela luz natural da razão. Indague-se à Lógica, à Ética, à Metafísica se não precisam do Latim.

No Direito, aplica-se o belo idioma a cada hora. Brocardos, aforismos jurídicos, termos e locuções, provérbios e expressões de uso geral, manifestos em Latim, tudo isso, mas tudo, se requer na vida forense. Não empregá-los ou fazê-lo mal simboliza deveras subalternidade, medalha que nenhum advogado, promotor ou juiz deseja trazer ao peito, visiva do público, quanto mais dos ótimos: *auctor non probante, reus absolvitur* - Se o autor não prova, é absolvido o réu. *Absolvere debet iudex potius in dubio, quam condemnare* - Na hipótese de dúvida, há de o juiz absolver, e não condenar.

Na Lingüística Sincrônica e sobretudo na Diacrônica, inconceptível des-

conhecer Latim.

Na Filologia, o bem saber a expressão escrita das Romas perpolita e cotidiana arma o especialista de instrumentos poderosos para o seu alto ofício e combates. Irmana-se gemeamente, neste espaço e funções, ao Grego.

No Rio de Janeiro, brilha uma sociedade majestosa de filólogos. Erro grave tinha de ser o de alguém, alheio ao grêmio, que, observando a denominação *Academia Brasileira de Filologia*, ou por efeito da leitura de inúmeras e ótimas produções do órgão, acabasse definindo que o nome se limitava em significar somente Academia Brasileira de Filologia Portuguesa.

Maciço engano.

A denominação abrange três campos imensos, pelo menos, da ciência filológica. O tradutor, fiel, exato, verá por conseqüência na designação como se estivera grafado principalmente *Academia Brasileira de Filologia Clássica, Românica* e, nesta, a *Portuguesa*.

Exemplo de revelar-se o emprego do Latim entre os membros da *Academia Brasileira de Filologia*, registo com prazer o trabalho erudito e lúcido do filólogo ilustre e glotólogo de competência meticulosa, Horácio Rolim de Freitas: *Dicionários e Etimologias*, tema de palestra que efetuou na Academia Brasileira de Letras, em nossa ABF e na pós-graduação de Latim na UERJ, em 2002. Foi publicado na Revista Portuguesa de Humanidades, vol. 6, em 2002, mas saída em 2003, Portugal.

Na introdução, julga com bravura os maiores autores de dicionários etimológicos lusitanos e brasileiros. Em seqüência, externa e aplaude a sabedoria de Serafim da Silva Neto.

A meditação no conteúdo leva o conhecedor à pergunta, meramente formal: onde se pode reprovar Serafim nos assuntos agitados pelo homônimo do vate das *Odes*?

Unicamente de *bruttu* se haveria *bruto*, como, ajunto, apenas de *succu*, *suco*. O próprio Latim Clássico possuía os dois: *sucus* e *succus*; de *popere*, *pobre*; de *oricla*, *orelha*; de *veclus*, *velho*, à imagem de, lembro, *sicla*, *selha*, transitada *sicla* por *sitla*; de *lucalis*, *lugar*; de *catecra*, *cadeira*. Evidente em linha reta: *velho*, de *veclu*, e *lugar*, de *lucale*.

De que jeito não aceitar o sabinismo hipotético *daxare* para se obter *deixar*?

Muito longa foi a coexistência de *laxare* com *daxare*. Recordo este fragmento das *Compositiones Lucenses*, debaixo da epígrafe *De Pergamina*, originárias do século VIII ou IX, escritas em Latim não clássico: "*Pergamina quomodo fieri debet. Mitte illam in calcem et iaceat ibi per dies III, et tende illam in cantiro et rade illa cum novacula de ambas partes et laxas dessicare.*" (DIAZ Y DIAZ, Manuel C. *Antología del Latín Vulgar* - 2ª edición, Madrid, p. 147, 1962).

Aí se verifica ao pleno *deixar* como *laxare*.

Aproveitando o ensejo: a sintaxe do Latim não erudito, em vez de segunda pessoa plural do imperativo do verbo usado, utilizava-se da correlata do indicativo presente, erguendo-se então novo molde de imperativo: *itis*, *foras*

rixsatis. (Idem, ibidem, p. 36, nas *Inscriptiones Parietariae*, de Pompéia, recobeas de lavas do Vesúvio em 79.) *Itis por ite*; *rixsatis por rixsate*. Ponho em clássico: *ite, foris rixamini (ide, brigai lá fora).*

Ora, nas *Compositiones* encontro também a segunda pessoa do *singular* do imperativo de *laxare* substituída pela segunda do *singular* do indicativo presente: *laxas* (deixa). Note-se o tratamento uniforme: *mitte*, *tende*, *rade*, *laxas*. O *sermo nobilis* colocaria na frase: *laxa*, e o próprio *inubarnus*, igualmente (é a norma). Ali, no fragmento, vêem-se os imperativos do Latim Vulgar: *mitte* (introduze), *tende* (estende), *rade* (raspa), segundo pessoas singulares, idênticas às do Latim Clássico. Conseqüentemente, assinale-se a existência da dualidade morfológica. Então: *laxas dessicare* (deixa tu secar). No idioma patrício, o de Horácio, teríamos: *laxa desiccare.*

Se Filologia e Glótica Dinâmica Portuguesas requerem do teórico por indispensável a regência intelectual do Latim, a Filologia Clássica e a Românica o exigem no grau máximo.

Querendo alguém opinar com autoridade acerca de páginas do Baixo-Latim e do Bárbaro, ou analisar com proficiência textos arcaicos lusos, o filólogo e o glotólogo ficam certos de que o pretendente não encontrará óbices quando leve consigo bastante a herança idiomática do Lácio.

A projeção magnífica da estátua literária ciceroniana é banquete suntuoso da Filologia Clássica.

Para o adentrar-se profundo e cabal no monumento literário camoniano, a Filologia Românica há mister o Latim. Na Introdução a *Os Lusíadas*, redige o douto Epifânio Dias acerca de Camões: "Era muito versado na literatura latina antiga, nos seus diferentes períodos, e da língua de Vergílio assenhoreou-se a tal ponto, que às vezes a frase portuguesa nos *Lusíadas*, por nimiamente conforme ao tipo latino, perde um tanto a limpidez".

Os mais relevantes são na *Luseida* imorredoura os latinismos sintáticos e estilísticos.

Na Épica, fervilham.

Dominando o idioma lacial, quão bem e prazerosos comentam o lingüista e o filólogo, ao comparar os versos afamados: "*As armas e os barões assinalados, que... cantando...*" aos do *Cisne de Mântua*: "*Arma virumque cano, ... qui...*". Ou ainda: "*O'ditosos aqueles que...*", em face de: "*O terque quaterque beati qui...*".

Na heróica aparecem inclusivamente *Ovídio*, *Horácio*, *Lucano*, *Cícero*, *Sêneca*.

Na Lírica, também existem latinismos. Menos, porém, que na Épica, mas vocabulares e sintáticos.

Com a sintaxe e a estética de construção romanas fraseológicas, e o mesmo estudo, *a radice*, na sucessora Língua Portuguesa, é que o perito em *Glótica* e *Filologia* pode responder, suasoriamente, a esta nada cômoda interrogação plantada na Lírica e formulada no período seguinte. Em *Alma Minha*,

cometeu o Lusíada celebérrimo o cacófato assim, qual dizem, tão feio?

Na Onomástica, ciência dos nomes próprios, busca-se a língua romana para manifestar significação de termos na Antroponímia, na Toponímia, na Panteonímia, na Onionímia. Esmerila a Onomástica o étimo e o sentido de colunas de denomiações daquela espécie: Lúcio, Deusdedit, Hortência, Abílio, Deodato, Lauro, Martinho, Afrânio, Benedito; Lusitânia, África, Brasília; Aurora, Marte.

Em Nomismática, ciência das moedas e medalhas, é necessária a presença do idioma do Lácio.

Na Oratória, pensamentos esplêndidos em Latim da autoria de famigeradas personagens, quando o tribuno os profere, e com locução irrepreensível, dão-lhe intenso fulgor. Em minha obra recém-publicada, *Arte de Falar em Público*, exaro valiosa quantidade dessas referidas opiniões: *Abyssus abyssum invocat. O tempora! o mores! Medice, cura te ipsum. Sic transit gloria mundi.*

Volte Roma para nossas escolas secundárias.

Brunetière, insigne acadêmico, filósofo e crítico francês, bem como Anatole France, pensador, poeta, da Academia Francesa, outrossim exaltam a mercê da romanidade na construtura do escolar adolescente e juvenil.

O domínio consumado da Língua Portuguesa se logra, intui-se, com a ciência do Latim e do Grego. O tirarem o idioma de César do currículo médio brasileiro implicou perda de substância civilizada nacional.

A sonoridade formosa dos vocábulos e orações latinas influi extraordinariamente no pendor estético de muitos educandos, para escrever com estilo musical. Ouçam-se estas frases na pronúncia mais comum no Brasil: *Libertas quae sera tamen. In hoc signo vinces. Dat veniam corvis, vexat censura columbas. Felix qui potuit rerum cognoscere causas.*

Língua harmoniosa já constitui ampla fração da língua literária.

Quanto sugere a literatura latina ao aprendiz de maravilhas com seus pensamentos agudos e limados, com mil e um exemplos cativantes; suas figuras, tropos e, nestes, as imagens, símbolos e metáforas; as hendíades e metalepses, os memoráveis apotegmas!

Continuaremos a deitar fora a nobreza, o vigor, a concisão, a cadência, tanto quanto o ritmo, a precisão e a clareza do período latino?

As orações de Marco Túlio Cícero, o eloqüente, semelham proferidas hoje. Era mudar-lhes certos nomes e circunstâncias, e ouvi-las-íamos nas tribunas mais egrégias do presente. Ignorar a suavidade, o bom gosto, a delicadeza e os sapientes conceitos de um Horácio Flaco, sem dúvida causa lamento.

Mas, a fim de suscitar em diversos o impulso de querer subir até esse ponto, cumpre iniciá-los desde cedo. Não se espere que surja às portas de ingresso na faculdade semelhante anelo, senão em quase nenhuns.

Hodierno die - afianço - na Áustria, Alemanha e Suíça, não param os adolescentes de receber lições do bom Latim. Assevero idêntico falando de Espanha, Grécia, Itália e França. Na Espanha e França também o Grego Clássico.

E nós, herdeiros de Camões e Rui, permaneceremos andando cabisbaixos por tamanha inferioridade, nós?!